

Plano do Brasil: grande reunião de ricos e pobres.

O Itamaraty vai aproveitar a reunião de Mar del Plata para organizar uma reunião que colocará frente a frente credores e devedores

O Brasil vai tentar aproveitar a reunião dos países devedores latino-americanos, que começa amanhã em Mar del Plata, Argentina, para preparar uma outra reunião, bem mais ampla, que colocaria frente a frente os países ricos e pobres, ou seja, os devedores e os credores. Nos últimos dias, o Itamaraty convocou embaixadores de países desenvolvidos para trocar idéias a respeito da reunião de Mar del Plata. E já começou a articular o que seria o grande encontro entre ricos e pobres, provavelmente no ano que vem.

A intenção do Brasil seria incluir nessa reunião não apenas os países mais desenvolvidos, como EUA, França e Alemanha Ocidental, mas também alguns países especialmente convidados: Suíça, Suécia e Espanha. Em seus contatos com os embaixadores, o secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores, Carlos Calero Rodrigues, citou como temas fundamentais o problema dos juros e as barreiras protecionistas.

Quanto aos juros, a intenção é buscar uma "fórmula engenhosa" para impedir que eles subam tanto como vem ocorrendo. E o Brasil gostaria também que, nos casos de elevação das taxas, fosse possível

minimizar as consequências, até agora tão danosas, para os países em desenvolvimento.

Consenso

Calero não deixou exatamente claro, aos embaixadores convocados, se estava expressando posições apenas brasileiras, ou se falava em nome do consenso estabelecido em Cartagena pelos 11 países participantes: além do Brasil, Argentina, México, Venezuela, Colômbia, Peru, Equador, Uruguai, Chile, Bolívia e República Dominicana. Entende-se, porém, que o Brasil não adotaria iniciativas incapazes de serem apoiadas pelos demais participantes de Cartagena. Esse passo brasileiro é interpretado em Brasília como um esforço para levar a Mar del Plata, na reunião que começa amanhã, algo mais concreto em relação ao diálogo com as nações industrializadas.

A inclusão de Suíça, Suécia e Espanha na mesa dos países ricos cabecece a critérios diferentes. A Suíça é vista como importante centro financeiro mundial e onde se localiza (Basiléia) a sede do BIS (Banco de Pagamentos Internacionais). Além do mais, é uma nação neutra. A Suécia foi distinguida porque, além de ser um país nórdico importante, oferece contribuição financeira de destaque aos países em desenvolvimento, o que de-

monstraria seu interesse particular pelo destino deles. E a Espanha possui uma velha, natural e forte ligação com os países da América Latina, especialmente os de fala espanhola, por ela colonizados em passado distante. Serviria, assim, como interlocutor privilegiado.

O secretário-geral Calero Rodrigues teve a preocupação de dizer, aos chefes de missão diplomática convocados ao seu gabinete, que o Brasil e os demais dez do Grupo de Cartagena não encaram o encontro com as nações ricas como "um instante para negociar, mas para fazer uma reflexão conjunta em torno de problemas comuns". No contato com os embaixadores estrangeiros, Calero procurou criar boa vontade política e afastar os receios que eles pudesse ter em relação ao encontro com o grupo latino-americano.

Falando à imprensa há uma semana, um alto assessor econômico do chanceler Saravia Guerreiro disse que o Grupo de Cartagena deseja preparar com muito cuidado a cúpula com os ricos. Ele reconheceu que a sucessão presidencial nos Estados Unidos constitui um obstáculo para que o encontro possa ser realizado imediatamente. Calero reafirmou esses pensamentos ao conversar com os diplomatas estrangeiros.